



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL**  
**POLO EaD/UAB DE PORTO VELHO**  
**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA**  
**DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIRED**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015**  
**Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**



**ANA MARIA ALVES DA SILVA**

**BRINCADEIRA É COISA IMPORTANTE**

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO**

Porto Velho/RO  
2017

ANA MARIA ALVES DA SILVA

BRINCADEIRA É COISA IMPORTANTE

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) Polo de Porto Velho como requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Walterlina Brasil.

Porto Velho/RO  
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015  
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



## BRINCADEIRA É COISA IMPORTANTE

ANA MARIA ALVES DA SILVA

Esta pesquisa foi julgada adequada para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação, em 18/12/2017 sob média 100 (cem).

---

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima  
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Walterlina Brasil  
Presidente: Prof. ORIENTADOR

Marijane Silveira  
Membro: Prof. .

Edna Cordeiro  
Membro: Prof.

Porto Velho/RO  
2017

### **Agradecimentos especiais...**

Nesta oportunidade, quero agradecer aos dirigentes das Escolas: Bom Jesus, Khrys Dámares e o Pequeno Polegar, que gentilmente acolheram-me.

Estendo meus agradecimentos aos pequenos alunos, que Deus possa fortalecer suas faculdades intelectuais, cada dia mais e mais, para quando forem homens e mulheres sejam senhores e não escravos das circunstâncias.

A todos os professores das escolas onde estagiamos, bem como aos da Universidade Federal de Rondônia-UNIR, que não mediram esforços para expandir nossas potencialidades. Ser professor é exercer uma profissão delicada e uma das mais difíceis dentro das ciências humanas. Reconhecendo a dedicação e empenho nesse extraordinário ofício, minha eterna gratidão a todos.

A minha avó Ana Gomes... Que ensinou meu pai Raul, que nos instruíram com paciência e amor a passarmos sobre os diferentes ramos do conhecimento sem amarras.

*Brincar com as crianças não é perda de tempo, é ganhá-lo. Se é triste ver meninos sem escola, mais triste é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem (DRUMMOND apud FORTUNA, 2000).*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 - PINTANDO O 7! .....	9
2 - AS NARRATIVAS DA INFÂNCIA .....	13
3 - O BRINQUEDO FEITO ARTESANALMENTE.....	16
4 - A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR.....	23
CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	26

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa trata do memorial de formação da acadêmica Ana Maria Alves da Silva, para o curso de Licenciatura em Pedagogia na modalidade a distância da Universidade Aberta do Brasil - UAB, pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, no município de Porto Velho, este é um requisito para a avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, ministrada pela professora Dra. Walterlina Brasil.

Neste memorial vou resgatar momentos de experiências edificantes e de aprendizagens transmitidas pela minha avó Ana Gomes. Ela não era uma mulher letrada, mas sabia ler e fazer cálculos básicos, a importância que ela dava ao saber estava arraigada ao caráter da pessoa, que segundo ela formava-se na infância, era muito carinhosa e gostava de compartilhar as coisas boas da vida, não estimulava a presunção, estes ensinamentos influenciaram na educação do seu filho único Raul e seu neto e netas.

Usarei quatro partes para o conteúdo: a primeira parte intitulada: “pintando o 7!”, em que busco mostrar as experiências lúdicas vividas pelas crianças; essas experiências em muitas escolas não são valorizadas, pois continuam com sua divisão disciplinar, enfatizando a repetição e memorização. Na segunda parte, com o título: “as narrativas da infância”, eu exemplifico como os momentos lúdicos aperfeiçoam a evolução mental e favorece a criança a dar vazão as suas angústias, desejos reprimidos. Na terceira parte, relato algumas experiências onde, minha avó Ana Gomes, confeccionava brinquedos para seus netos, isto não quer dizer, que não tínhamos brinquedos industrializados. Trago nesta sessão a importância de ficar contente com pequenos e úteis deveres e com as experiências próprias da idade. Na quarta parte, eu destaco a importância do brincar como experiência de aprendizagem.

Concluo, ressaltando a importância das experiências vividas pelas crianças, de ouvi-las com atenção para que esta possa se desenvolver globalmente; meu embasamento foi nas obras de grandes escritores como: Paulo Freire, Jean Piaget, Henri Wallon, John Dewey e Ellen G. White entre outros. Estes autores valorizam o ser humano sem distinção. Eles têm uma esperança na pessoa que contagia seus leitores. Para tempos tão minguados de afeto, companheirismo e amor, suas obras nos leva a confiar no dia seguinte; e é com esta alegria e confiança que pretendo estimular meus alunos a buscarem no estudo muitas oportunidades, com possibilidades de uma nova vida.



## 1 – PINTANDO O 7!

Mais de vinte anos sem ministrar aulas para crianças da Educação Infantil Pré-Escola de 4 e 5 anos de idades. Esse lapso de tempo foi quebrado no Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia, favoreceu este meu reencontro com crianças desta idade, em julho de 2016 que maravilha!

Eu fui surpreendida no primeiro momento em que cheguei à sala de aula e tive a sensação de que estava em uma sala do Ensino Fundamental, com crianças sentadas em suas mesinhas, respondendo suas tarefas no livro de Matemática, fui buscar uma posição conclusiva para a minha dúvida com a professora, que muito orgulhosa disse que as crianças estavam na Pré-Escola, mas já estavam escrevendo e lendo palavrinhas.

Freinet salienta:

Não se contente em desculpar a escola, argumentando que esses fatos, reais, são apenas um aspecto de um desequilíbrio social que não é particular à nossa época. Nem por isso deixa de ser verdade que você não soube reconhecer nem explorar as aptidões e os talentos do homem de negócios, do pugilista, do ciclista e do cantor (FREINET, 2004 p.14).

Observando aqueles rostinhos inocentes sedentos por água, e que a escola faz questão de primeiro dar o treinamento de como beber água, para só depois deixá-los irem se fartar. Confesso fiquei preocupada.

Voltarei um pouco no tempo para esclarecer o motivo de minha preocupação.

Comecei a trabalhar com criança no Serviço Social do Comércio – SESC no período de 1988 a 1991, na época estava concluindo o Ensino Médio de Magistério, tinha 20 anos de idade, ainda não conhecia os grandes teóricos da educação, meus conhecimentos foram ampliando através das formações em serviço,<sup>1</sup> que ocorriam trimestralmente no SESC.

Fui contratada como recreadora infantil, para atuar com crianças da educação infantil de 4 a 5 anos de idade. Nesta função, tínhamos de dar ênfase aos jogos, as brincadeiras, músicas infantis e sempre fazer atividades de socialização que envolvessem todas as crianças. Quando uma criança não queria participar das brincadeiras eu a chamava para um cantinho particular, buscando animá-la e tentando entender o motivo da recusa. Não me recordo de

---

<sup>1</sup> - “A formação continuada de professores tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos”.  
file:///C:/Users/1006201702/Desktop/artigocomoral2.pdf data do acesso 22/11/2017

nenhum caso em que a criança não voltasse à brincadeira, após uma boa conversa, afinal o brincar faz parte do cotidiano das crianças.

A brincadeira está presente na vida das pessoas e principalmente das crianças. Quem não passou pela experiência retratada por FREINET.

Com efeito, é mais forte do que eles. Têm necessidade de ver a água salpicar em cascata tanto mais majestosa quanto maior é a pedra, essa pedra que seguem encantados, no seu mergulho em vôo planado até o fundo esverdeado, embaixo, no reino dos peixes e das cobras. Como têm necessidade de andar e de correr, de chapinhar nas poças de água, de brincar com o fogo e com a faca, de puxar o rabo do gato ou fazer latir os cães, por trás dos muros! (FREINET, 2004, p.37).

A verdadeira educação é a que nos faz feliz, nos deixa falar, considera os outros e favorece a cortesia. Essa educação é duradoura, pois sabe a importância do brincar na vida da criança e favorece momentos com experiências colaborativas, onde todos se unem para ganhar, quantos conceitos são desenvolvidos e aprendidos, estes fortalecerão o caráter das crianças, preparando-os para elevadas ocupações no futuro.

É bom registrar que o Serviço Social do Comércio – SESC zelava pelas suas instalações como: parquinho, refeitório, sala de jogos, danças, quadra, piscina e salas de aulas. Podíamos usar qualquer espaço, desde que fosse agendado com antecedência. Havia uma restrição quanto à piscina, esta era reservada ao professor de Educação Física.

Éramos duas recreadoras por turma e tínhamos horário de planejamento, estudo e curso, estes organizados pela supervisora da escola. Enfim todos os ambientes eram pensados para o desenvolvimento da criança, os recreadores não tinham conteúdos a cumprir, trabalhávamos com projetos bimestrais ou temas geradores, estes eram estudados pelas crianças em atividades: física, intelectual e espiritual, com ênfase nas atividades lúdicas, havia passeios, lanches coletivos e cinema com direito à pipoca.

Esta mobilidade dos conteúdos deixava-me muito confortável para ouvir uma criança, na época não tinha consciência da importância desta atitude para a formação da personalidade infantil. Sempre valorizei muito o ato de ouvir, isto surgiu da forma como meu pai, “seu Raul”, fazia com os filhos quando estes faziam algo errado.

O horário que meu pai se envolvia com os problemas da família era após as 18 horas, quando encerrava o expediente da empresa onde ele trabalhava. Quando ia repreender um dos filhos ele jantava e depois se dirigia à varanda da casa, apagava a luz e chamava para uma conversa o filho ou uma das filhas que havia feito algo que ele não havia gostado, somente após ouvir a explicação ele tomava uma posição.

Sempre achei sua postura bastante sensata e assertiva. Não ficava rancor nesta relação porque tudo era negociado apesar dele “não aliviar” nas punições ou castigo que a questão merecesse. Só o fato de falarmos sobre o ocorrido já nos deixava mais aliviados.

Quando eu parava para ouvir uma criança, que estava apresentando um comportamento inconveniente,<sup>2</sup> não fazia um julgamento imediato, buscava entender o motivo de sua atitude. Nestas ocasiões sempre lembrava, como meu pai agia ele não ofendia, nem magoava com insultos os seus dependentes (filhos), ele sempre tinha um conselho que nos fazia refletir, e sempre saíamos dos conflitos fortalecidos.

Nascemos com traços da nossa personalidade, mas esta se solidifica na sociedade, no convívio com as pessoas, temos a capacidade de imitarmos uns aos outros, estes estímulos vindo dos nossos relacionamentos é que vão fortalecer nossa personalidade.

Quando estamos sob os cuidados dos pais, eles devem ter princípios bem definidos, para educar seus filhos, caso contrário, os pequenos irão simular comportamentos, para ocultar erros cometidos, os pais devem agir com firmeza e muito carinho, desta forma a criança fortalecerá sua personalidade.

O ensino que minha avó proporcionou a seu filho e netos foi bem calcado pelos ensinamentos religiosos, pois durante muitos anos a bíblia foi seu único livro, tinha vários trechos fixados na memória. Destas leituras ela inferia que a criança deveria ter respeito pelos seus pais, idosos, amigos, animais e cuidar da natureza, jamais ser arrogante ou presunçoso isto não podia ser diferente, pois os personagens que mais ela conhecia estavam na bíblia, seus ensinamentos eram sempre voltados para o autoconhecimento, pois de educação formal, ela não tinha conhecimento como se processava.

Segundo Fagundes (sd),

os valores motivam o comportamento e a atividade humana. São a fonte de energia que mantém a autoconfiança e a objetividade. Hoje, na maioria dos países, os povos são regidos pela ideologia materialista que cria uma cultura de acúmulo, posse, egoísmo e ganância. Consequência: os valores autênticos perdem o brilho da verdade e a força para sustentar e preservar uma cultura digna do ser humano. (FAGUNDES, sem data, p.20).

Em uma escola individualista, onde todos devem ler os mesmos livros, fazerem as mesmas tarefas e falarem dos mesmos assuntos o aluno acaba sufocando o espírito colaborativo e dando ênfase a normas individualizadas.

---

<sup>2</sup> - Considero um comportamento inadequado quando a criança fica com excesso de raiva e quer bater, xingar ou morder um colega que não quis satisfazer suas exigências.

As instituições de ensino devem perseguir uma educação mais cooperativa e colaborativa desta forma a escola seria o lugar, onde as crianças estariam desenvolvendo suas habilidades democráticas e se preparando para uma vida atuante em sociedade.

White (2008) mostra que “... as instituições de ensino poderão produzir homens fortes para pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplidão de espírito, clareza de pensamento e coragem nas suas convicções”.

Fagundes assinala:

na verdade, no ensino, tudo parte das decisões do professor, e a ele, ao seu controle, deverá retornar. Como se o professor pudesse dispor de um conhecimento único e verdadeiro para ser transmitido ao estudante e só a ele coubesse decidir o que, como, e com que qualidade deverá ser aprendido (FAGUNDES, S/D, p.15).

As estruturas sociais encontram-se abaladas, entre elas a família; as crianças chegam à escola com seus medos e conflitos, necessitando de um aconchego. Mas seus professores estão muito preocupados em dar o conteúdo e não tem tempo de ouvir ou brincar, às vezes distribuem jogos e brinquedos para que os alunos brinquem com os outros e vai fazer uma atividade que julga mais importante. No ensino tradicional o professor fica com uma sobrecarga de tarefa muito grande. Ao interagir, o estudante pode elaborar suas hipóteses e suas estratégias a fim que o conhecimento seja amplo, diferente do limitado, que caberia apenas à transmissão do professor.

## 2- AS NARRATIVAS DA INFÂNCIA

Depois das recordações, voltemos à sala de aula que tanto me surpreendeu. Logo no início da aula, a professora deixa a caixa de brinquedo à disposição das crianças, elas vão chegando, guardam seus materiais e se dirigem até a caixa de brinquedos e escolhem um brinquedo e vão para as suas mesinhas brincar, enquanto os alunos retardatários chegam.

Perguntei à professora se poderia me juntar às crianças, que não fez oposição.

Escolhi um grupo de meninas que estava brincando com massinha de modelar. Havia alguns moldes de animais e alguns palitos de picolé sobre a mesa. Pedi para me juntar a elas que prontamente consentiram, dividiram novamente a massinha de modelar e me deram uma bolinha de massa. E iniciaram o trabalho com os moldes e palitos. Uma delas começou a fazer unhas bem grandes e colocava na mesinha, fiquei olhando em silêncio... Depois, começou a colocar as unhas postiças na mão esquerda, quando foi fazer a mão direita não dava, pois desmanchava as unhas que estavam prontas.



**Figura 1. Criança brincando com massinha na pré-escola.**

**Fonte: pesquisadora**

Ofereci-me para ajudá-la, e enquanto colocava suas unhas postiças, conversávamos sobre esta ideia. Sua mãe trabalhava como manicure, daí vinha seu interesse, a criança gostaria de ter unhas grandes e coloridas. Coloquei um palito de picolé em sua frente e pedi que ela pegasse o palito, suas tentativas chamaram a atenção das outras crianças, causando risos em todos, pela dificuldade momentânea.

Depois conversamos sobre o tamanho das unhas, se elas forem muito grandes pode atrapalhar atividades simples, argumentei que: quando ela fosse mais velha, poderia deixar suas unhas crescer, de forma que não atrapalhe suas atividades. Estes momentos de imitação

da criança, só reforça o que Jean Piaget, afirma (A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho), sobre a capacidade de imitação da criança e que isto pode ser visto por qualquer pessoa adulta.

Este tipo de jogo surge em um momento, em que os adultos exigem das crianças, que controle sua vontade e desejo, desta forma aprenderão a lidar com as frustrações, e o faz- de - conta proporciona a criança uma satisfação imediata, facilitando assim a vida real, deixando-a mais fácil e leve.

Quis citar esta experiência, pois ela é muito rica, quantos conhecimentos prévios as crianças trazem para a escola. Vejamos: tamanho (grande e pequeno), lateralidade (esquerda e direita), divisão e a profissão dos pais. A criança demonstrou seu conhecimento real, mas precisa da presença do adulto para avançar rumo à zona de desenvolvimento proximal<sup>3</sup>, como destaca Oliveira(s/d): “Vygotsky considera que toda brincadeira ou jogo tem símbolo (imaginário) e regra. Inicialmente as regras podem não estar explícitas, com a evolução da brincadeira estas possam a ser clara (OLIVEIRA; VARGAS S/D, p. 02)”.

Quando o professor propõe uma atividade lúdica é tudo padronizado, ela vem sempre com a função de treinamento, perdendo assim o próprio sentido da brincadeira. Creio que os professores devem ensinar as crianças a entreter-se, ficando sempre por perto para reprimir qualquer desavença e socializar ideias legais trazidas pelas crianças. Desta forma, vamos adquirindo a confiança das crianças, que terá melhor condições, quando confia na sua professora, para se manifestar diante de uma atividade que tenha receio de executá-la.

Os momentos de brincadeiras são produtivos e favorece a ação do professor, vejamos: oportuniza a interação dos grupos, favorece a formação de duplas ou grupos maiores, facilita a participação do professor, colabora na formulação de questões diferentes, ajuda no processo socioafetivo, valoriza o aluno como sujeito da sua própria aprendizagem, a socialização contribui para melhor aceitação das regras e para o aprendizado do processo de convivência social. Em suma os momentos lúdicos conduz o aluno a grandes descobertas, não devemos desperdiçar estes encontros tão dinâmicos.

Oliveira (S/D) afirma que

... a criança ao chegar à escola traz consigo uma “bagagem de conhecimentos”, adquirida em suas experiências vividas no contexto ao qual se insere. Certamente esse conteúdo será exteriorizado através do jogo, possibilitando uma inter-relação entre os iguais e troca de experiências que resultará em maior desenvolvimento (OLIVEIRA; VARGAS, S/D p.4).

<sup>3</sup> A Zona de Desenvolvimento Proximal - define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v2n2/v2n2a11.pdf> (acesso em 25 nov. 2017)

Gostava de brincar com meus alunos, não apreciava deixá-los sozinhos, isso não significa que não confiava neles, procurava deixar claro que me preocupava com eles, o que gostaria, era que o tempo que ficássemos juntos fossem momentos de alegrias e aprendizagem, esta atitude gerava uma confiança, que tinha como base o carinho.

### 3- O BRINQUEDO FEITO ARTESANALMENTE

A minha avó, Ana Gomes sempre valorizou o brincar, amava as crianças e a natureza, casada com João um visionário e um hábil comerciante, tiveram um filho Raul, meu pai.

Venho de uma família muito atípica para seu tempo, sou a primeira filha e nasci de 07 meses, devido às complicações de um parto prematuro fiquei sob os cuidados da minha avó Ana Gomes, pois tinha mais experiências que minha mãe Maria de Lourdes de 18 anos de idade na época.



**Figura 2** arquivo pessoal - Da esquerda para a direita temos: avô João, avó Ana Gomes, Mãe Maria de Lourdes, as crianças Ana e minha irmã no colo Rosângela, (ano 1968).  
Fonte: pesquisadora

Um belo dia, nos idos do ano de 1943, meu avô João, saiu do interior chamado Currais Novos, no Rio Grande do Norte, do roçado para fazer compras para casa, na cidade ao chegar à mercearia viu um cartaz, onde convidava homens para se alistarem como Soldado da Borracha<sup>4</sup> e virem para o Amazonas região norte.

Vamos entender esta história melhor...

Esta aventura começa muito longe... No Estado do Rio Grande do Norte, no interior chamado de Currais Novos, vivia um casal chamado: João Olinto da Silva (13/04/1899) com 45 anos de idade e sua esposa Ana Gomes, com 34 anos de idade, que amavam a natureza,

<sup>4</sup> **Soldados da Borracha** foi o nome dados aos brasileiros que entre 1943/1945 foram alistados e transportados para a região norte pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia – SEMTA, com o objetivo de extrair **borracha** para os Estados Unidos da América (Acordos de Washington) na II Guerra Mundial. Disponível em: <https://www.google.com.br> (acesso em 27 nov. 2017).



lidavam com a terra plantando e colhendo, eram agricultores prestavam serviços para os proprietários de terras da região.

Queriam muitos filhos, porém o destino permitiu que eles criassem apenas um Raul Olinto da Silva, na época com 8 anos de idade (17/09/1935). Após o nascimento de seis filhos, onde cinco nasciam aparentemente saudáveis, mas faleciam antes de completar cinco anos de idade; Raul seu primogênito crescia vencendo o triste destino de seus irmãos.

Raul, desde muito cedo, começou a ajudar na lavoura e/ou no roçado com seus pais, sua mãe não confiava em deixá-lo sozinho, para todos os lugares que ia, o filho lá estava. Nos intervalos do trabalho a mãe confeccionava brinquedos com materiais que encontrava no roçado como: ossos, batatas, espigas de milho e cascas de melancia entre outros. Ela esculpia os bonecos e animais, para ele fazer seus currais e brincar. O filho gostava das brincadeiras e não reclamava em ir com seus pais para o trabalho. O brincar tem sua importância na vida da criança como afirma Cozad: “a brincadeira aumenta a tolerância à ambigüidade. A brincadeira permite experimentação e improvisação. Grupos que brincam juntos se tornam mais confortáveis para explorar e experimentar juntos (COZAD, 2013, p.6)”.

Ana Gomes gostava muito de flores e sempre fazia um jardim aos redores de onde morava, seu ajudante era seu filho, nestas ocasiões aproveitava para ensinar ao filho o pouco que sabia como, o nome das flores, as plantas que serviam para remédio, tudo era muito explorado, ela também cantava a tabuada e ele tinha que cantar a resposta, desta forma muito cedo aprendeu a fazer cálculos mentais, o ensino era muito oral, de livros só tinham a Bíblia e o catecismo. Morar na roça tem seus encantos, quando se é criança em tudo vê-se uma fonte de inspiração para brincar, como nos mostra White (2008):

Nos seus trabalhos de jardinagem, interroguem-nos sobre o que aprendem com o cuidado das suas plantas. Olhando eles para uma bela paisagem, perguntem-lhes por que Deus vestiu os campos e os bosques com tais matizes formosos e variados Por que não foi tudo colorido com um fusco sombrio? (WHITE, 2008 p.94).

Ambos João e Ana Gomes sabiam ler, escrever e fazer cálculos básicos; acreditavam na importância do saber, valorizavam o pensar e agir com cautela. Confirmando-nos que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989 p.9).

A fonte de inspiração para Ana Gomes vinha da própria natureza, ela não perdia um minuto para lhe ensinar, usava diferentes estratégias, sempre usando coisas que estavam ao seu redor, buscava ensiná-lo quando caminhavam de casa até o roçado, almoçando sentados sob a sombra de uma árvore ou mesmo plantando, observe o conselho de White (2008):

Os próprios animais devem ser seus professores. As formigas nos ensinam lições de paciente operosidade, perseverança em superar obstáculos, providência para o futuro. E os pássaros são ensinadores da suave lição da confiança. Nosso Pai

celestial lhes provê alimento; mas devem eles recolhê-lo, construir o ninho e criar a prole. A cada instante se acham expostos a inimigos que procuram destruí-los. Entretanto, quão animosamente prosseguem com seu trabalho! Quão repletos de alegria são os seus pequenos hinos! (WHITE, 2008 p.92).

Até os oito anos de idade, Raul não havia estudado em escolas convencionais, pois seus pais não tinham uma residência fixa. Aprendeu a escrever no chão, usava toco de pau como lápis. Como descrito por Paulo Freire: “... Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (FREIRE, 1987 p.11)”.

Esta pequena família teve uma reviravolta em suas vidas: tudo sucede quando João vai até a cidade, para comprar mantimentos para casa, e, ao chegar à cidade ele vê em uma mercearia um cartaz afixado na parede um convite para homens serem Soldados da Borracha na Amazônia.

João deixou as compras de lado, e foi correndo se alistar como Soldado da Borracha com o registro nº 30.793. Esta convocação partiu de um acordo feito entre o Brasil e os Estados Unidos, como caracteriza Campana:

O s Estados Unidos que entraram na guerra em decorrência do ataque japonês a base americana de Pearl Harbour no Havaí, necessitava da borracha para a sua indústria. O presidente dos Estados Unidos Franklin Delano Roosevelt e o presidente do Brasil Getúlio Dorneles Vargas assinaram os Acordos de Washington (1942), pelo qual o Brasil comprometia-se a reativar os seringais amazônicos, através de uma operação conjunta com os EUA (CAMPANA, 2015, S/P).

Desta forma, muitos homens nordestinos, deixaram suas famílias e correram atrás desta oportunidade de mudar de vida em outra região e aceitou o desafio. João não teve tempo de avisar sua família que se encontrava no roçado, após seu alistamento ele foi conduzido a um pau-de-arara (caminhão que transportava os agricultores), e levado para a capital Natal onde pegaria um navio para o Amazonas.

Ana Gomes, que aguardava João com as compras e vendo que o mesmo não chegava e sentido vontade de fumar seu cachimbo, pediu para o filho Raul, ir ao roçado vizinho pedir emprestado um pedaço de tabaco de corda, esta ficava próximo à estrada por onde circulavam os caminhões com os agricultores.

Quando Raul estava voltando do roçado vizinho com o tabaco, olhou para um caminhão cheio de homens e percebeu que havia alguém acenando, Raul teve a sensação de ser seu pai, mas não tinha certeza. Quando chegou a casa contou pra mãe o ocorrido, que não acreditou na conversa do menino. Mas seu marido não voltou para casa aquela noite.

No dia seguinte, como João não retornou das compras, Ana Gomes resolveu averiguar o que havia acontecido com seu marido João, foi quando descobriu que o mesmo tinha se

alistado, como Soldado da Borracha e estava a caminho do Amazonas. Ia revê-lo três anos depois. Estes três anos foram difíceis, Ana Gomes teve que ser pai e mãe de Raul ela tinha que prover alimentos para a sua casa e cultivar o roçado, numa espera que parecia não ter fim. João chega à Região Norte como soldado da borracha no dia 24/10/1944 em Belém ele foi enviado para Manaus e de lá para o antigo Território Federal do Guaporé, atual Estado de Rondônia, conforme copia da carteira de “Identidade para Embarque e Colocação”.

REGISTO N. 30.493	Local da Hospedaria	Actonara Tapauá V	8
Pertence a João Olinto da Silva 19454	Data de entrada	10/10/44 24/10/44	1 1
Natural de Currais Novos	Data de saída	24/10/44 24/10/44	1 1
Estado de R. G. do Norte	Nome do vapor	Alagoas	
Idade 45 Nascimento 13/4/1899	Encar. do embarque	El Nard	
Nome de Pai Olinto 1º da Silva	DESTINO E COLOCAÇÃO		
Nome de Mãe Martinha da Silva	Município		
Estado Civil casado	Distrito		
Profissão agricultor	Rio		
EXPEDIDO PELA HOSPEDARIA DE	Seringal		
Julio Vargas	Contrato agrícola		
ADMINISTRADOR	Condições de trabalho		
	Empregador (Nome)		
	Responsável pela colocação (Assinatura)		
	ACOMPANHANTES		
	NOME	Idade	Parente
	Ana Gomes	34	Esp
	Raul	8	F

  

FOTOGRAFIA	IDENTIDADE
<p>Esta é a única e verdadeira foto que deve ser a cartela da Hospedaria expedidora.</p>  <p>30793</p> <p>FOTOGRAFIA (IMPRETA)</p>	<p>DNI (Domicílio e Nacionalidade)</p> <p>IDENTIDADE PARA EMBARQUE E COLOCAÇÃO</p>

Figura 3 arquivo pessoal, carteira de embarque de João, em 1943.

Fonte: pesquisadora

Os migrantes que chegaram aqui no atual Estado de Rondônia após 1942 já encontraram uma mínima infraestrutura, em fase de consolidação, como nos afirma Bueno, 2012.

De que forma o governo brasileiro procurou organizar aquele novo movimento migratório em massa? Criou-se de imediato o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para o Amazonas (Semta) e, em paralelo, o Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), que tinha como objetivo sanear a Amazônia e a região do Vale do Rio Doce, onde se produzia borracha e minério de ferro, ambas as matérias-primas chave no esforço de guerra norte-americano (BUENO, 2012 p.102).

Isto não impediu o sofrimento de muitas famílias que migraram para esta região, por causas das doenças como: malária, a leishmaniose e ainda tinha os ataques dos animais selvagens. As promessas de bons salários e casas confortáveis eram tudo um engodo, era uma escravidão disfarçada. Os donos dos seringais ofereciam tudo em seu comércio, em contrapartida quem pegasse qualquer objeto, ficava preso com tantas dívidas. Meu avô, João, logo que chegou foi enviado para um seringal, sem moradia certa, viviam em barracões, salários não recebiam... Só promessa.

Muito comunicativo logo fez amizade com um pescador, antigo da região que lhe ensinou o ofício, esta nova atividade fez com que João tivesse uma renda, como estava sozinho, pode juntar dinheiro para busca sua família que havia ficado no roçado no Rio Grande do Norte.

João se dedicou a profissão de pescador, ele não tinha hora para tratar peixe e vender. Ele tinha um serviço personalizado, tratava, ticava os peixes e entregava na casa do cliente, pronto para ser cozido e consumido, desta forma conseguiu trazer sua família para a Região Norte.

Nos seringais Raul não estudava, não havia escola para filhos dos migrantes. continuava orientado pela mãe, que preocupada com os estudos do filho, pediu para o esposo resolver esta questão, pois ela queria ver seu filho estudando. João resolveu mudar com a família para a cidade. Compraram uma casa no bairro do Areal. Ele se dedicava ao ofício de pescador e progredia, comprou um ponto comercial no Mercado Central para vender peixe.

Raul, seu filho que se encontrava com 12 anos de idade, já na adolescência teve a oportunidade de estudar em uma instituição. Ele não gostou, pois estudava com crianças pequenas. Mas sua professora percebeu seu bom desempenho nos cálculos e escrita, fez um teste com Raul, para adiantá-lo para a 5ª série, hoje 6º ano. Esta educadora teve a sensibilidade de conhecer quem era aquele jovem, que chegava a escola pela primeira vez na adolescência. Isto nos remete aos escritos de Paulo Freire.

... tem a ver com a relação entre a leitura do texto e a leitura do contexto. Esta é uma das virtudes que deveríamos viver para testemunhá-las aos educandos, qualquer que seja seu grau de instrução: universitário, básico ou de educação popular, a experiência indispensável de ler a realidade sem ler as palavras. Para que inclusive, se possa entender as palavras (FREIRE, S/D, p.8).

Com esta mudança, Raul ficou muito contente, dando continuidade a seus estudos, porém sua mãe não tinha condições de ajudá-lo nas tarefas, pois não tinha conhecimento suficiente para isso. Percebendo que não poderia ajudá-lo nos exercícios, pagava aulas de reforço próximo a sua casa. Raul fez o ensino médio de contabilidade e não continuou seus

estudos, porque aqui, em Rondônia, não havia faculdades na época. Sendo assim, não deu continuidade aos seus estudos, pois não tinha condições financeiras para ir estudar em algum grande centro urbano.

Raul, com 31 anos de idade, vindo do Rio Grande do Norte, casou em 26/02/1966 com uma boliviana, Maria de Lourdes A. da Silva, 18 anos de idade, desta união tiveram cinco filhos, sendo quatro meninas e um menino. Sou a filha mais velha do casal.

Raul sempre teve um olhar muito especial para a educação dos filhos; tarefa que ele fazia após um dia de trabalho, depois de jantar sentava e olhava o caderno de todos, os que tinham tarefa de casa ele ajudava, com explicações mais claras, com exemplos do nosso dia-a-dia. Sempre nos incentivando a estudar, quando a professora colocava observações desagradáveis nas nossas atividades, ele sempre tinha uma história, uma fábula, um conselho para dar e ensinava aquilo que a professora não estava conseguindo.

Quando conversamos sobre nossos avós, ele contava a história do meu avô João, que veio para esta região como Soldado da Borracha, Raul sempre comparava com a colonização japonesa que chegaram aqui em Porto Velho 22/07/1954. Portanto, dez anos após a chegada do meu avô. Ele contava que muitos moradores foram ver o desembarque no porto das famílias japonesas, cerca de 30 famílias que representava 186 pessoas,<sup>5</sup> a população local queria ver os Japoneses. Estas famílias receberam uma ajuda financeira por certo período do governo brasileiro, suas esposas receberam uma máquina de costura e uma área de terra para viverem, esta migração ocorreu por acordo entre os dois países. As famílias puderam permanecer juntas e contar com algum dinheiro, pois haviam vendido seus pertences no Japão, aliado aos benefícios oferecidos pelo governo brasileiro, fez a diferença na qualidade de vida destes desbravadores. Até hoje, temos a Colônia japonesa em Porto Velho, produzindo hortaliças e outros produtos, que são vendidos nas feiras e comércio local.

Já os soldados da borracha, que migraram para a região norte, vieram por contrato de trabalho, que não foi honrado, o governo usa o recurso de alistamento para força uma vinda dos nordestinos para a Amazônia, homens penalizados pela seca sem grandes expectativas de vida. Estes soldados não receberam ajuda do governo, nem contavam com seus recursos

---

<sup>5</sup> Maiores informações:

<http://www.ppgdstu.propesp.ufpa.br/arquivos/Dissertacoes/2010/texto%20final%20Reiko%20Muto.pdf> (acesso em 24/11/2017).

oriundos da terra natal, pois já estavam fugindo de uma região que não lhes ofereciam condições de vida.

Estes fatos tornam a vida dos soldados da borracha muito mais difícil em uma região hostil, não é à toa que morrem a metade dos homens alistados como soldado da borracha. Esta injustiça ainda não foi reparada, para os familiares destes guerreiros, muitos aguardam na justiça um reconhecimento que nunca tiveram.

Tenho muito orgulho da história dos meus avós, que com o conhecimento popular e muita fé, venceram tantos percalços em sua trajetória. Para que hoje seu filho e netos possam ter uma vida confortável.

#### 4 - A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

Lembro-me da minha avó Ana Gomes, sentada no chão da sala com um saco de retalho escolhendo uma cor de tecido para fazer uma boneca de pano, que ela sorrindo chama de bruxinha. A candidata a ficar com a bruxinha ficava por perto, ajudando a escolher os tecidos a encher a boneca com algodão, como não sabíamos para quem ela ir dar a boneca, todas as irmãs ajudavam.

E quando ela trocava os braços da boneca, lado direito ia para o esquerdo e vice-versa. Era uma gargalhada só. Acho que ela fazia de propósito, não sei... Aos sábados, Raul ia almoçar na casa dos seus pais (Ana Gomes e João), meus avós; após o almoço, cada um pegava um pedaço de melancia e íamos comer sob as sombras das árvores e minha avó Ana Gomes, dizia: - meninas venham cá! Quero mostrar uma coisa, e com a casca da melancia ela esculpia cavalo, vaca, boi, garoto e homem etc.. Tínhamos brinquedos para o resto da tarde.

Imaginem uma casa grande, com um lindo jardim na frente, fruteiras espalhados no quintal. As fruteiras eram de manga massa, manguita, coqueiro, biribazeiro e canteiros de verduras. Ops! Já ia esquecendo, havia uma casinha de guardar carvão e outra feita apenas à cobertura com telha de barro, onde ficava o poço de água. O poço tinha uma tampa de madeira, muito pesada que só os adultos podiam levantar. Seis barris de água que serviam como reservatório, às vezes os netos usavam como piscina. Esta era a casa dos meus avós, que minhas irmãs e meu irmão, ficavam contando os dias para chegar o sábado e todos nós, nos encontrarmos para brincar.

Freinet ensina que o interesse da criança encontra-se “lá fora” ao ar livre, nas pedras que atiramos nos rios, nos pássaros, no zumbido das abelhas. Gostávamos de brincar no quintal e subir nas árvores, brincar de se esconder e bola, onde o fio de estender roupas transforma-se em rede de vôlei.

Segundo Dewey, (1899, p.25) as crianças trazem impulsos inatos que seriam o de comunicar, o de construir, o de indagar e o de expressar. As crianças possuem esses impulsos naturais, cabe à escola incentivá-los com experiências feitas em sala, no parque, no cinema, na quadra e no refeitório, em todos os locais podem ser aproveitados para as crianças manifestem sua criatividade e confiança e assim construam seu conhecimento.

Como vimos, é da natureza da criança exercitar-se com atividades mais motoras, devemos nos interessar pelas experiências das crianças, pois elas indicam caminhos para redimensioná-las, para a solução de um desafio. Esse desafio é a aprendizagem intelectual.

Quando a professora propõe diferentes situações e as crianças escolhem seus materiais e atividade que mais tem interesse, elas se organizam para realizar tal atividade. E neste momento tudo é crescimento e desenvolvimento. Os conhecimentos ali descobertos são compartilhados na roda de conversa.

É a escola que tem condições de trilhar este caminho e mudar a realidade, valorizando coisas que às vezes são tachadas como fora de moda, mas de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças.

Observe o que White nos diz:

O bom humor e a cortesia devem especialmente ser cultivados pelos pais e professores. Todos podem possuir fisionomia radiante, voz mansa, maneiras corteses, que são elementos de poder. As crianças são atraídas por uma atitude prazenteira e radiante. Mostrem-lhes bondade e cortesia, e manifestarão o mesmo espírito para com vocês, e uma para com as outras (WHITE, 2008, p.240).

A generosidade, a gratidão e o respeito, são necessários para a construção de associações edificantes. Tudo isso podemos proporcionar nas atividades lúdicas com nossos alunos. Não tenhamos medo, se a sala de aula ficar um tumulto, mas onde todos produzam com satisfação e alegria. O aluno constrói seu conhecimento quando interage com o meio, com os colegas e com o objeto de conhecimento. O conhecimento que brota desta troca vem cheio de interação cognitiva, trocas afetivas, interesses individuais e valorização.

Os jogos as brincadeiras devem ser para criar novos valores humanos, por meio do lúdico é possível desenvolver nas crianças procedimentos e atitudes mais saldaáveis. Nós professores temos algo que nos impulsiona na direção dos nossos alunos. Não precisamos impor respeito, ele é conquistado com simpatia, fé e amor.

Quando aprendemos a andar de bicicleta, não recorremos a manuais, aprendemos porque, tentamos e não evitamos os arranhões ou quedas. Por mais experiente que seja o professor, não vai ensinar uma criança a andar de bicicleta só com teorias e explicações, as crianças precisam das experiências práticas.

Precisamos brincar e experimentar se queremos mudança devemos olhar para o ato de brincar como uma possibilidade de mudar de atitude, nós devemos motivar jogos onde não haja adversários e sim amigos que juntos vencerão os obstáculos.



## CONCLUSÃO

Fazer este memorial foi reviver momentos felizes da minha infância e pode refletir o quanto estes momentos foram importantes na minha vida e prática profissional. Nós, professores, devemos ter consciência da importância e grandeza do nosso trabalho.

Nossa matéria prima são crianças em formação. Temos sobre nossos cuidados meninos e meninas que no primeiro momento, podem parecer frágeis, mas com a nossa dedicação e afeto teremos verdadeiras joias.

A criança deve ter sua infância respeitada, pois é nesta fase da vida que desenvolve seu caráter. E para ela se desenvolver precisa brincar e experimentar. Ela traz de casa inúmeras experiências que devem ser aproveitadas pela escola. Devemos manter interesse pessoal nas experiências trazidas pelas crianças, pois estas emergiram da sua história de vida, isto facilitará uma ação, mais individualizada caso seja necessário ou também poderá abrir caminhos para diferentes práticas pedagógicas.

As brincadeiras são importantes na vida da criança, e sabemos que os jogos realizados em casa têm objetivos diferentes do realizado na escola, mas nada impede uma interação de ambos. Desta forma a escola se associa a família para juntos trabalharem em prol da criança.

Esqueça a brincadeira como treino, que só serve para atrair a criança para um conteúdo, repetitiva e estéril.

Se o professor for utilizar o brincar como prática no seu trabalho, que seja uma ação efetiva e verdadeira. Que seu estandarte seja o “prazer de brincar”. É necessário que o professor conheça as características do brincar, para poder trazer estas para sua prática pedagógica. Estes conhecimentos influenciarão na sua prática, na escolha dos conteúdos e no próprio papel do aluno; pois os jogos cooperativos lhes mostrarão caminhos, pois estes aguçam a curiosidade, confiança em sua capacidade, persistência na busca de resposta, coleguismo e companheirismo, afinal o que queremos evidenciar é a colaboração e a participação de todos.

A criança deve encontrar no brinquedo distração e desenvolvimento também estas devem promover o físico, o mental e o espiritual, assim formaremos homens e mulheres de caráter forte e reto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Ricardo. **Borracha na amazônia**: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização – 1ª ed. Porto Alegre – Quattro Projetos, 2012 – 128p.

BISSOLI, Michelle de Freitas. **Desenvolvimento da personalidade da criança**: o papel da educação infantil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n4/1413-7372-pe-19-04-00587.pdf> (acesso em 29/11/2017).

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo, Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Virtudes do educador**. Sem data. A vereda, Centro de Estudos em Educação.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Sala de aula é lugar de brincar?** In: Xavier, M.L.M. e Dalla Zen, M. I. H. (org.) Planejamento em destaque: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Básica, 6) p.147-164

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. Tradução: J. Baptista, editora Martins Fontes, 7ª edição, São Paulo, 2004.

FAGUNDES, Léa da Cruz. **Aprendizes do futuro**: as inovações começaram! Sem data, Ministério da Educação, Coleção informática para a mudança na educação, USP, Estação Palavra.

COZAD, Kristem.; BROWN, Stuart.; BEHNCKE, Isabel. **O poder da brincadeira**. SGI – Perspectiva budista sobre a paz, nº73 julho, 2013 – Brasil.

WESTBROOK, Robert B.; John Dewey; Anísio Teixeira; Jose Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). **Coleção educadores**. Editora Massangana, 2010, 136p.

WHITE, Ellen G. **Educação**. Editora Casa Publicadora Brasileira 8ª edição, 2001.

OLIVEIRA, Flávia Moretto.; VARGAS, Luciane Canto. **Brincadeira é jogo sério**. Disponível em: [http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/emilio/autoria/artigos2006/7Brincadeira\\_jogos.pdf](http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/emilio/autoria/artigos2006/7Brincadeira_jogos.pdf) (acesso em 20 nov. 2017).

PONTIFÍCIA Universidade Católica de Minas Gerais. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaboração de trabalhos técnicos científicos conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)**. 2. Ed. Disponível em: <[http://portal.pucminas.br/imagadb/documento/doc\\_dsc\\_nome\\_arqui20160217102425.pdf](http://portal.pucminas.br/imagadb/documento/doc_dsc_nome_arqui20160217102425.pdf)> Acessado em 26 de dez. 2017.

HISTÓRIA e Geografia de Rondônia. **O 2º ciclo da borracha**. Disponível em: <http://rondoniaemsala.blogspot.com.br/2014/11/o-2-ciclo-da-borracha.html> (acesso em 05/05/2017).

ZANELLA, Andréia Vieira. **Zona de desenvolvimento proximal:** Análise Teórica de um Conceito em Algumas Situações Variadas. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v2n2/v2n2a11.pdf> (acesso em 25/11/2017).